

Ambiente Econômico

Além de reformas, o país precisa urgentemente de novas diretrizes

A OCDE – Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico divulgou em Fevereiro um estudo sobre o Brasil com uma série de recomendações para que o país possa se tornar um país mais próspero e inclusivo. O estudo se baseia, dentre outras, nas seguintes constatações baseadas em séries históricas: a economia está se recuperando, o desemprego tende a diminuir, a inflação caiu a níveis nunca antes vistos, a produtividade é baixa e o bem estar pode ser melhorado significativamente. O Estudo ainda aponta que reformas estruturais, dentre elas a da Previdência poderiam significar em 15 anos um PIB cerca de 25% maior.

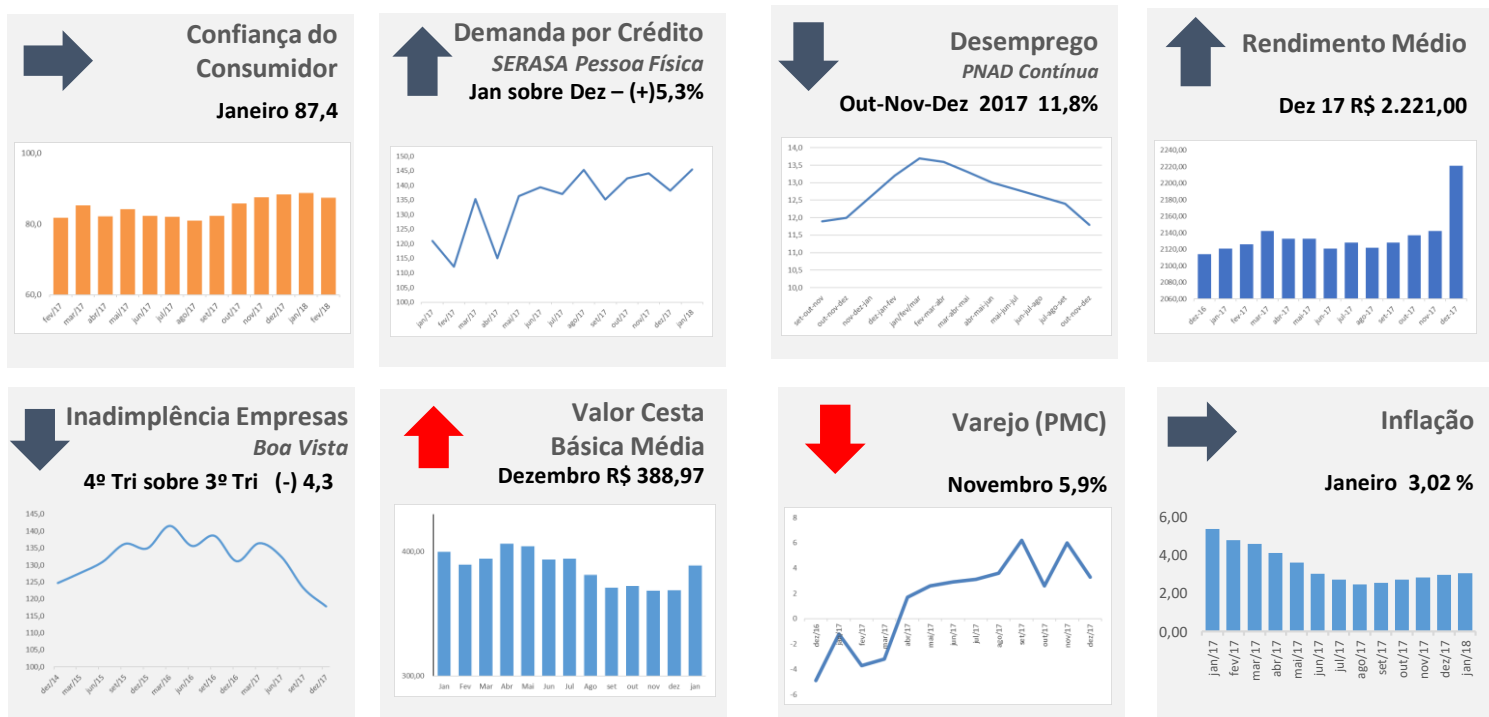
Uma outra constatação do estudo é que o investimento no Brasil está aquém do esperado, com cerca de 18% do PIB, enquanto a China apresenta 38%, a Coreia 33% e a média dos países pertencentes à OCDE fica em 23%. Investimento é sinônimo de incremento econômico, com novos postos de trabalho e mais infraestrutura.

Outra constatação importante é que a qualidade da nossa infraestrutura é baixa se comparada a outros países. Segundo uma nota de 1 a 7, que considera diversos critérios, o Brasil recebe nota 3,1, enquanto o Japão lidera com 6,2, os EUA recebem 5,9 e a média dos países OCDE recebe 5,2. Até a Argentina sempre propagada como um país com infraestrutura sucateada recebeu nota 3,2 superando o Brasil. Esta nota ruim se deve ao baixo nível de investimento em infraestrutura, uma vez que o país investe nesta direção cerca de 1,8% do PIB, enquanto o Chile investe 3,1%, a Colômbia 6,3% e o Peru 6,9%.

Dentre as 18 sugestões de reformas da OCDE a serem realizadas pelo país, podemos destacar algumas mais importantes e que se referem de alguma forma à cadeia de consumo e à capacidade de compra do consumidor, além de suas condições de bem estar. São elas:

- Ajuste fiscal através de permanente corte de custos
- Reforma da Previdência
- Ampliar os mecanismos de transferência de recursos para os mais pobres
- Reavaliação dos programas de incentivo à indústria
- Incentivar e melhorar os processos de delação premiada e leniência
- Reforma fiscal com adoção de imposto sobre valor agregado (VAT)
- Utilizar O BNDES para financiar infraestrutura
- Utilizar a capacidade técnica do BNDES para apoiar entidades públicas na estruturação de projetos, em especial os governos locais
- Incremento de programas de apoio a desempregados na busca por novas colocações
- Implementar os programas de defesa do meio ambiente, garantindo a preservação das áreas já protegidas

Dashboard



Destaques do Mês

A indústria definitivamente está se recuperando

Depois de três anos de quedas consecutivas a indústria brasileira em 2017, 58 de 93 segmentos apresentaram crescimento positivo. Este é o resultado de estudo publicado pelo IEDI – Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial. A indústria brasileira, que havia caído 3% em 2014, 8,3% em 2015, 6,4% no ano seguinte, cresceu 2,5% em 2017. Boa parte deste crescimento foi devido à indústria automobilística, cuja longa cadeia acaba influenciando também outros segmentos, tais como: áudio e vídeo, borracha, têxteis, vidros, etc.

Dentre estes 93 segmentos avaliados, 66% deles aceleraram o crescimento no 4º tri de 2017, enquanto apenas 6% mantiveram o mesmo ritmo neste trimestre e 21% desaceleraram.

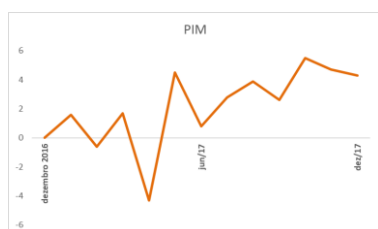
O segmento de componentes eletrônicos, por exemplo, que despencou quase 12% em 2016, fechou 2017 com crescimento de 33,4%. Equipamentos de comunicação, dentre eles, os aparelhos celulares, que haviam despencado 8,4% em 2016, também fecharam 2017 positivamente com crescimento de 27,9%.

Olhando-se a indústria como um todo, o que se verifica é que, mesmo se recuperando, as empresas ainda operam com capacidade ociosa – em Fevereiro a expectativa é que o mês feche com 75,3% de ocupação – o que significa que os investimentos na ampliação de suas instalações são postergados, impactando a indústria de base, bastante significativa no país, incluindo-se aí o setor da construção civil, tradicionais absorvedores de mão de obra menos qualificada.

Estes números mostram e apontam para uma recuperação, mas o próprio setor está reticente em assumir um otimismo exagerado. O Índice de Confiança da Indústria – ICI, medido pela FGV avançou apenas 0,2% em fevereiro, ou seja, um otimismo pé no chão, porém consistente. Em Fevereiro o ICI terá atingido 99,6, ou seja, o mais alto patamar desde 2013, momento quando a indústria começou a sentir mais fortemente os efeitos da crise.

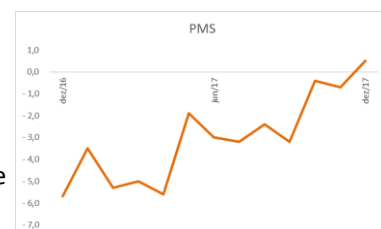
Indústria

Indústria cresceu em Dezembro de 2017 4,3% em comparação com Dezembro de 2016



Serviços

O setor de Serviços recupera-se com mais dificuldade. Em Dez de 2017 em relação a Dez de 2016 apresentou crescimento de 0,5%.



A educação brasileira ainda muito longe do ideal

O Banco Mundial revelou um estudo sobre o tema Educação que indicou que o Brasil, para atingir o mesmo nível educacional de países desenvolvidos, mantidas a velocidades atual, levará 260 anos (isto mesmo, 260 anos!!!) em Leitura e 75 anos em Matemática. Parece que nem é preciso ler mais nada para se dimensionar o tamanho do nosso atraso. Falamos de educação que é a base de qualquer programa de desenvolvimento nacional. A Coreia de Sul, quando ainda engatinhava como Tigre Asiático na década de 80, priorizou a educação, desenvolveu um plano para tal e chegou aonde está hoje. O PIB per capita que era de US\$ 9.800 em 2002, chegou a espetaculares US\$ 39.276 em 2017.

A educação não resolve apenas as questões sociais o que, por si só, já representaria um salto na qualidade de vida dos habitantes de um país. A educação permite elevar a capacidade profissional, que por sua vez conduzirá a uma renda maior, a uma produtividade maior até chegar a um PIB maior e assim movimentar e fazer crescer a economia.

Quando as empresas brasileiras ou que por aqui atuam projetam seus crescimentos em termos de faturamento não podem esquecer que temos um limite de massa salarial, que, em princípio se eleva com o aumento do nível salarial. Se este não cresce adequadamente, uma vez que os profissionais não se mostram qualificados para ganhar mais e se a população ativa brasileira tende ao declínio nos próximos anos, é fácil notar que este limite de crescimento realmente existe. Não se cria riqueza do nada. A massa salarial é o pote de onde provém a maior parte dos recursos que vão abastecer as empresas que vendem produtos e serviços. Se esta se limita, o faturamento das empresas também.

Muito se avançou em termos de propostas educacionais no Brasil, tais como a Base Nacional Comum Curricular, mas de nada isto adianta se as escolas estão sucateadas em sua grande maioria e se os professores continuam a receber salários aviltados. Precisamos de uma real política de investimento em educação. Só assim, efetivamente geraremos riqueza de forma sustentável.